

# Paternidade em deslocamento: O caso do pai amigo e presente

**Resumo:** O presente artigo é parte de uma pesquisa inspirada no campo dos Estudos de Gênero. Discutimos a emergência de técnicas de governo da população inerentes ao projeto da modernidade e à criação de dispositivos em movimento da normalização das condutas paternas (amorosas, afetivas) a partir de preceitos científicos. Definimos esse processo educativo contemporâneo mais amplo como politização da família amorosa – não se trata da família que tem mais filhos/as, mas da que tem menos filhos/as e cuida amorosamente e “cientificamente” deles/as. Para esta discussão, selecionamos artigos da revista *Pais & Filhos*, sobretudo os da coluna “Pais”, em exemplares de 2009. Como estratégia metodológica, utilizamos a análise de discurso. A partir do resultado das análises, focalizamos um movimento que valoriza o modelo de pai presente, amigo, companheiro e marido participante. A revista dá destaque à afetividade masculina, chamando os homens (os pais) a terem uma posição ativa e amorosa no cuidado e educação dos/as filhos/as.

**Palavras-chave:** Mídia social. Gênero. Paternidade. Maternidade.

**Maria Simone Schwengber**  
professora assistente da  
Universidade Regional do Noroeste  
do Estado do Rio Grande do Sul  
simone@unijui.edu.br

**Catharina da Cunha Silveira**  
Pedagoga pela Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul  
catharinasilveira@msn.com

## Mídia e a educação da paternidade: A revista *Pais & Filhos*

Neste artigo, propomos um exercício de problematização de uma das representações da paternidade contemporânea, cada vez mais em evidência na mídia, tomando como referência um artefato da mídia brasileira impressa – a revista *Pais & Filhos*.

A esfera midiática, segundo Fischer (2002), rearranjou as fronteiras entre o que é público e o que é privado. Nesse sentido, afirma a autora, a mídia alterou (e altera) a relação entre os conhecimentos, os fatos e os sujeitos, ainda mais aqueles que se relacionam na esfera da vida privada. Para Fischer (2002), nenhuma outra sociedade produziu e disseminou um volume tão grande de informações quanto a contemporânea, informações essas que produziram (e produzem) efeitos na intimidade, ensinando como devem ser determinados tipos de homens e/ou mulheres, pais, mães, gestantes – produzindo, assim, novas conformações de gêneros, paternidades e maternidades.

Sant'Anna (2001, p. 6) afirma que, dentro do contexto mais amplo da mídia – tevê, rádio, cinema, jornal –, as revistas “[...]” contribuíram sobremaneira para esclarecer os brasileiros das camadas médias e urbanas [...]. Já Mira (2001) observa que quem pretende estudar a família no Brasil, ou pelo menos fazer um recorte pela

categoria analítica de gênero, tem nas revistas um material muito fecundo. As revistas dirigem-se

[...] ao leitor como se estivessem conversando com ele, servindo-se de uma intimidade de amigo. [...] talvez seja esse jeito coloquial que elimina a distância, que faz as idéias parecerem simples, cotidianas, ajuda a passar conceitos e a cristalizar opiniões. As revistas funcionam, de forma especial, como uma instância que se autoriza a definir os padrões de saúde e a prescrever dicas de bem-estar e de como cuidar dos corpos. (BRUSCHINI, 1994, p. 125).

Para a presente pesquisa, separamos edições de 2009, tanto dos exemplares impressos quanto das edições on-line, investigando a seção Pais-Conversa de Homem da revista *Pais & Filhos*. Discutimos os enunciados que, por meio dela, são colocados em circulação, com o intuito de tentar entender como esse artefato vem (re)validando o(s) sentido(s) e significando o que é ser um (bom) pai.

Considerando gênero como uma categoria relacional de análise, investigamos as seções, perguntando-nos como as informações que a revista veicula interferem na construção do que a mídia diz e espera dos pais contemporâneos. Perguntamo-nos, ainda, de que modo essa (nova) postura posiciona, conseqüentemente, a figura da mulher-mãe.

Do ponto de vista da metodologia, realizamos as análises valendo-nos das contribuições de Foucault (1999) no que tange aos conceitos de discurso e enunciado. Foucault (1999) sugere que o/a pesquisador/a tome os discursos em sua materialidade e tensione suas condições de produção e as posições de sujeito neles descritas. Instrumentalizadas por esse “modo de ver”, optamos por mapear os enunciados nos discursos da *Pais & Filhos*, observando as suas regularidades, insistências, repetições, possíveis rupturas e descontinuidades. Separamos as sete seções escolhidas para análise e, a partir de leitura interessada, fomos retirando trechos e encaixando-os em categorias; neste artigo, apresentamos duas. Apoiamo-nos na perspectiva dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais em aproximação com as teorizações pós-estruturalistas e, como estratégia metodológica, utilizamos, portanto, a Análise de Discurso foucaultiana. Sendo assim, consideramos os textos da *Pais & Filhos* como um artefato cultural que está articulado a uma rede de artefatos culturais de diferentes tipos; exatamente por isso,

o que nela se diz (e também o que se silencia) tem repercussões sociais, políticas e históricas.

## “A Família” educada na/pela mídia

Em suas reflexões, Foucault preocupou-se em destacar que “a velha potência da morte”, na modernidade, é substituída pelo aparecimento “[...] das práticas de saúde, habitação, natalidade, longevidade, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem o controle da vida”. (FOUCAULT, 1988, p. 132) Para o autor, um dos fenômenos fundamentais ocorridos a partir do século XVIII foi o poder de “[...] fazer viver” os indivíduos e a população, buscando assegurar sobre eles uma regulação “através de um controle contínuo e científico”. (FOUCAULT, 1999, p. 294)

Segundo Foucault (2004), o moderno poder sobre a vida, o biopoder, comporta dois aspectos articulados entre si: o primeiro, centrado na manipulação do corpo dos indivíduos – “anatomopolítica”; o segundo, focado no controle do corpo da população – “biopolíticas”. Ambos contribuem para controlar a vida. E é, a propósito desse controle da vida que, a partir da modernidade, propaga-se, de muitas e diferentes formas, os modos mais adequados que a família, enquanto instância que cuida das crianças, deve cuidar e educar seus filhos, e portanto, dentro dela, como homens e mulheres devem portar-se como pais e mães.

Observa-se, a partir de então, o desenvolvimento de biopolíticas insinuando-se em quase todos os âmbitos da vida, fazendo a ligação entre a família que cuida dos/as filhos/as e as necessidades da sociedade moderna em seu plano macro que, pouco a pouco – por meio de ajustes e intervenções –, penetram na vida das famílias; desenvolvem-se então novas regras de comportamento, dirigindo as famílias, capazes de fazer escolhas, para levá-las a agir de modo desejável.

É, então, a partir da modernidade que, de forma diversa e contraditória, que a politização da família se consolida e se amplia por meio de políticas higienistas desenvolvidas pelos Estados da época. No Brasil, também se observou, de modo mais pontual, um investimento específico e especializado na educação familiar<sup>1</sup> a partir do século XIX.

Ao longo dos séculos XIX e XX, multiplicaram-se discursos e imagens sobre a família e o processo de criação dos/as filhos/as.

(1) Entre os conhecimentos indispensáveis de uma “boa família”, a medicina caseira indicava: saber tratar feridas, queimaduras, cólicas, desconfortos estomacais, dor de garganta, aftas, dor de dente. Mais especificamente, a “boa família” não poderia

deixar de conhecer os cuidados referentes à higiene das crianças: asseio, alimentação, vestuário e, principalmente, educação moral. Afinavam-se alianças na preparação das famílias por meio das economias domésticas e das informações higienistas, de modo que as mulheres modernas compreendessem melhor a sua função administrativa: eram guardiãs da sociedade, gestadoras e educadoras da humanidade. (COSTA, 1979)

Uma sofisticada maquinaria pedagógica ampliou e complexificou a educação de homens, mulheres e crianças, incluindo: revistas, jornais, programas de TV (de auditório, novelas, documentários, talk-shows, vídeo shows), filmes, músicas, internet, entretenimento, esportes, publicidade. No entendimento de Shirley Steinberg (1997), esses artefatos culturais são “pedagogias culturais” porque oferecem narrativas em suas formas de apresentação que capturam e reproduzem sentidos e significados ativos que circulam na cultura, produzindo sujeitos e identidades paternas e maternas em intrincadas redes de poder. Compreende-se, dessa forma, os significados da paternidade e da maternidade – que permitem às mulheres e aos homens ser/fazer/sentir enquanto mães e pais vão sendo construídos (MEYER, 2000), através dos ensinamentos que homens e mulheres acessam, entre outras instâncias, nas páginas das revista *Pais & Filhos*.

## O pai presente... afetivo... amoroso

No contexto da mídia brasileira impressa direcionada à família, a revista *Pais & Filhos* é tida como “[...] a mais tradicional revista da família brasileira, há quarenta anos no mercado”. (MIRA, 2001) A importância dessa publicação no mercado brasileiro dá-se pelo fato de ela desfrutar de uma longevidade notável se comparada com a quantidade considerável de séries de revistas lançadas para esse público, a cada ano, no Brasil; destas, poucas conseguem passar pela prova dos dez anos da primeira edição.

Neste artigo, debruçamo-nos sobre uma das colunas da revista intitulada *Conversa de Homem*. Essa coluna constitui-se por depoimentos de homens-pais sobre experiências/vivências de suas paternidades e é veiculada na revista há, aproximadamente, cinco anos. Jornalistas, escritores e empresários contam algum fato marcante, como o dia do nascimento do/a filho/a, e acontecimentos do seu dia a dia de pais, como ir ao supermercado com o/a filho/a, por exemplo.

Interessa-nos pensar o quanto a criação e a veiculação de uma coluna onde os homens possam compartilhar suas experiências de paternidades mostram uma preocupação da revista com aquele que seria um novo público leitor: os homens-pais. Trabalho de Schwengber e Silveira (2010, 2011) destaca que, até a década de 80, o homem-pai apresentado nas páginas da *Pais & Filhos* era aquele

que participava das experiências maternas com os/as filhos/as brincando, passando a mão na barriga da mulher, acalentando o bebê no colo da mãe. A partir dos anos 90, mostra-se um pai mais participativo e interessado nos/as filhos/as, destacando-se a afetividade masculina e o modelo de pai amigo e participante, inclusive chamado a ter um papel ativo no cuidado e educação dos/as filhos/as. Podemos visualizar, a partir de então, um movimento em que o afeto paterno é declarado e festejado; os pais passam a protagonizar matérias, passam a ser escutados nas diferentes reportagens, enfim, suas experiências e dúvidas diante da educação e criação das crianças começam a ganhar mais espaço na publicação.

O modelo de família moderna de estrutura reduzida, composta pelo casal e filhos/as, institui um conjunto de novos valores e atitudes em relação à intimidade, à vida familiar, aos relacionamentos familiares e à educação e criação dos/as filhos/as. A incorporação desse modelo burguês ocorreu paralelamente ao processo de urbanização e industrialização do Brasil, e coube aos médicos higienistas (e a outros profissionais da saúde) auxiliar as famílias na mudança de costumes, valores e comportamentos. Dentre os valores, estavam a ideologia da família amorosa, a ideologia do amor romântico, reunindo amor, casamento e família. Assim, passou a ser valorizado o relacionamento afetivo entre pais e filhos/as – a ideia de família<sup>2</sup> conjugal e amorosa, privatizada no espaço doméstico, tal como o romantismo a constrói, conforme descreve Giddens (1993). Com isso, a “família amorosa”, estruturada no prazer de procriar e de cuidar o melhor possível dos/as filhos/as como um ato de amor, passou a ser alimentada como um ideal de família. (GIDDENS, 1993) Dentro desse ideal de família, a mulher fora posicionada como cuidadora dos filhos e o homem como responsável por ambos, posicionamentos que vão sendo, ao longo das décadas, realocados e complexificados.

Para Banditer (2010), é possível perceber que a posição masculina aos poucos se mescla a feminino. O cultivo da intimidade e “felicidade” do lar, da delicadeza, do amor filial, dos ideais morais e sociais da família amorosa são agora também características masculinas, e não exclusivas das mulheres. Há uma clara valorização do privado e um convite aos homens (aos pais) para que direcionem cada vez mais seu afeto e atenção aos/às filhos/as. A valorização do íntimo, do privado, do pessoal e familiar – uma tendência que a *Pais & Filhos* mostra.

(2) Vale destacar que a referência à expressão família não implica a consideração de que exista um modelo único e ideal. Entendemos que existem diferentes configurações na definição de família, em função das experiências e dos contextos culturais em que as famílias estão inseridas. (FONSECA, 2000)

Nas páginas da revista, assistimos, aos poucos, ao deslocamento da imagem do homem acompanhante das experiências maternas e reconhecido como provedor (gerenciador) da família para a de um homem mais envolvido afetivamente e comprometido com os/as filhos/as. Ao longo das colunas, vamos lendo nos excertos relatos de homens que dizem ajudar no cuidado com as crianças, que se mostram preocupados com a educação delas e se dizem mais felizes e completos devido à experiência da paternidade, como podemos perceber nos trechos abaixo; por exemplo, um pai diz o que aconteceu a partir do nascimento de seu filho:

[...] passei a fazer parte do time de pessoas que sabem o que significa a expressão “amor incondicional”. (PAIS & FILHOS, n. 471)

Amo meus filhos mais do que tudo. (PAIS & FILHOS, n. 471)

Os filhos são uma tarefa sem fim, mas a experiência de conviver com eles é emocionante, encantadora, alegre e necessária. (PAIS & FILHOS, n. 468)

O “pai afetivo e amoroso” insere-se no movimento que vem sendo denominado de “nova paternidade”. Segundo Medrado (1998), a ideia do novo pai remete a algumas mudanças de atitudes/funções dos homens com seus/suas filhos/as em comparação a possíveis posturas de gerações do início do século XX, denominadas na literatura sobre o tema de paternidades “tradicionais”. Os significados atribuídos a um exercício tradicional da paternidade posicionou, por décadas, o homem na função de provedor do lar, ligando os pais das antigas gerações à família através de seu empenho nas esferas da vida pública. Por meio de uma objetividade e racionalidade, supostamente atributos da personalidade masculina, o pai de antigamente era o responsável pela regulação do lar e bem-estar da família, estabelecendo, por exemplo, os limites de dependência entre mulheres-mães e seus/suas filhos/as. Em uma das seções analisadas, o autor revela como percebe a diferença entre a paternidade exercida pelo seu próprio pai e a sua experiência:

Depois de assistir ao parto do meu filho, tive um bloqueio psicológico que fomentou uma ambivalência sobre sexo. Não aprendi isso com meu pai, porque ele nunca teve de lidar com esta questão: ficou esperando fora da sala de parto e distribuiu charutos. Os homens da minha geração (tenho 36) são mais envolvidos no parto. (PAIS & FILHOS, n. 470)

Argumentamos, assim, que os enunciados veiculados na seção *Pais – Conversa de Homem* começam a deslocar a figura do homem-pai, até então posicionado como acompanhante, para posicioná-lo, cada vez mais, como uma presença interessada na vida dos/as filhos/as, sendo participante e atuante na vida das crianças.

### (Re)posicionamento da mulher-mãe

Ao examinar a revista, podemos perceber que a *Pais & Filhos* parece dar espaço para a representação do novo pai presente. Contudo, a análise da coluna permite-nos pensar que se por um lado a nova postura dos homens-pais é festejada e produzida nas páginas da revista, por outro lado, o posicionamento da mulher mãe como a mais interessada – e mais autorizada – a cuidar e falar sobre os filhos segue sendo preconizado.

Alguns excertos da revista indicam que as tarefas de cuidado com os/as filhos/as já são divididas com frequência e sem espanto entre homens-pais e mulheres-mães, mas continuam posicionando de formas diferenciadas homens e mulheres perante os/as filhos/as. A paternidade não é igualada a maternidade, uma vez que sua função para ser a de “ajudar”, “dar respaldo”, “curtir”.

Foi-se o tempo em que o homem trazia o dinheiro e a mulher cuidava da casa; os pais de hoje estão mais “família” e dispostos a ajudar, cuidar, curtir (PAIS & FILHOS, n. 472).

Observa-se na revista a figura do “novo” pai, aquele que participa do cotidiano dos/as filhos/as: *receber e curtir o filho*, como destaca o excerto. Elisabeth Roudinesco (2003) chama-nos a atenção para o fato de que a figura do novo pai emergiu na esteira do movimento feminista, que aponta quão pouco a maioria dos pais fazia por suas crianças, e das transformações das novas configurações familiares (os acordos)<sup>3</sup>. O movimento feminista questionou e questiona seriamente o lugar do homem e as hierarquias entre homens e mulheres, e o modo como o homem se relacionava consigo, com os filhos/as e com as mulheres.

Todo esse questionamento surtiu efeitos culturais e nas práticas discursivas, o que vemos aparecer nas páginas da *Pais & Filhos*. No entanto, as mulheres seguem sendo entendidas como aquelas que são as mais decididas e dinâmicas diante dos cuidados e da

(3) Ver Roudinesco (2003): descrições dos “novos acordos”, em que a família se consolida como um contrato consensual entre um homem e uma mulher com duração relativa à durabilidade do amor. Para a autora, a família não se dissolveu, mas se organizou de modo mais horizontal e em redes. O casamento perdeu o ornamento de sacralidade e, em constante declínio, é hoje caracterizado pela união afetiva dos cônjuges, com ou sem filhos/as, que se unem não mais por uma vida, mas por períodos aleatórios.

educação dos/as filhos/as do casal. A noção da “ajuda” paterna, que percebemos no excerto, parece sustentar-se na ideia de que a mulher é biologicamente preparada para a maternidade, como se sua capacidade de ser mãe estivesse sempre adormecida e florescesse durante a gestação. Parece-nos que é esse discurso que coloca o homem no lugar do “não-preparado” ou do “menos preparado” para a experiência de “criar” filhos/as.

Aí, entro eu, o pobre pai, o dublê da mãe, aquele que não serve pra grande coisa, mas... gente, até que é um cara legal, no fim das contas! (PAIS & FILHOS, n. 466)

De volta ao recém-nascido, outra coisa que o pai deve fazer é dar banho de vez em quando. Digo ‘de vez em quando’ porque a gente não está lá o tempo todo, né? (PAIS & FILHOS, n. 466)

Os pais, significados como “dublês das mães”, seguem sendo posicionados, nas páginas da *Pais & Filhos*, não no lugar de autoridade perante os cuidados e a educação das crianças. A *Pais & Filhos* parece valorizar a igualdade entre a figura materna e paterna, um código moral simétrico; a partir daí, mostra o quanto os homens também *podem se envolver com os/as filhos/as*. Observamos na revista a figura do “novo” pai como aquele que participa do cotidiano dos/as filhos/as; *receber e curtir o/a filho/a* é o modelo do marido participante e do pai presente – amigo e brincalhão com os filhos/as, companheiro da mulher.

Argumentamos que, ao longo das décadas, as mulheres-mães deixam de ser as *únicas* responsáveis pelos/as filhos/as; ao ganharem companheiros, passam a ser posicionadas como as responsáveis *principais* pelas crianças. Nesse sentido, destacamos que a escolha do nome “pai-presente” remete ao presente que é para a mãe (e para a criança) ter esse pai, quase como se fosse uma “sorte” ter com quem dividir a responsabilidade de cuidar e educar as crianças. Reafirma-se, dessa maneira, a ideia de que é da mulher a obrigação/responsabilidade do cuidado da prole, e funções e/ou papéis passam a ser significados como masculinos e/ou como femininos. Quando essas funções são redefinidas, esse movimento é apontado, é marcado como novidade.

Uma das seções analisadas é emblemática para mostrar esse pensamento construído sobre o papel do pai e o tom de novidade



que ganha sua participação na vida cotidiana dos/as filhos/as. Ela traz um homem, pai de duas filhas, contando sobre a chegada da terceira menina e como ele e sua mulher estão administrando essa nova fase:

Digo, com conhecimento de causa, que os primeiros meses são difíceis. A interação com o bebê é quase nada, ele chora e se contorce em cólicas inexplicáveis [...]. Para o pai, trata-se de um momento de incerteza, porque a criança parece não estar nem aí pra ele... Claro que, para os preguiçosos e machistas de plantão, é um ótimo cenário. Mas existem coisas que fazem parte do processo de adaptação do homem ao chamado “papel de pai”. Algumas delas são bem simples: trocar fraldas, por exemplo, algo de que gosto muito! (PAIS & FILHOS, n. 466)

Observamos o quanto é interessante que ele fale sobre a impressão de que a criança não está “nem aí” para ele. É bastante provável que o bebê se comporte do mesmo jeito com sua mãe, mas, como já temos uma ideia construída sobre a relação mãe e bebê, isso faz com que enxerguemos diferenças na relação da criança para com essa mulher e que nem coloquemos em discussão as incertezas dela. Entendemos que o modo como homens (e mulheres) vivem/exercem/significam a paternidade (maternidade) está diretamente relacionado às questões culturais e sociais. O que existe é uma ideia, construída no social, sobre a divisão das funções por esses homens e mulheres na criação de seus/suas filhos/as.

É possível afirmar, dessa forma, que a quantidade de material informativo disponível sobre a paternidade sugere, cada vez mais, que a biologia, embora de forma não igualitária, equipa as mulheres e os homens para a função social de cuidar dos/as filhos/as. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação (da paternidade amorosa da família preparada) é alvo da mais meticulosa e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento educativo.

Esta análise permite dizer que a *Pais & Filhos*, ao educar mulheres e homens para se tornarem mães e pais parece compreender como “família saudável” aquela que se aproxima do comportamento da família amorosa, através da solidificação do pai presente, amigo, que “ajuda” a mulher-mãe.

Nesse sentido, é possível perceber o movimento da nova paternidade avançando e sendo reconhecido nas páginas da revista. Por outro lado, argumentamos que esses investimentos seguem

produzindo “[...] formas de participação e de interação diferenciadas para homens e mulheres, dimensionadas pelos processos culturais que conformam paternidades e maternidades ‘saudáveis’”. (KLEIN, 2010, p. 208) As mulheres seguem sendo educadas a serem “boas mães” cada vez melhores. Dos homens, parece que a revista espera *participação e colaboração*.

## Parenting and displacement: the case of this friend and father

**Abstract:** This paper is part of a research inspired by the field of Gender Studies. We discuss both the emergence of techniques to govern the population that are inherent to the modernity project and the creation of devices for the normalization of (loving, affective) paternal conducts regarding scientific assumptions. We define this broader contemporary educative process as politicization of the loving family – this is not the family that has more children, but the one that has fewer children and takes care of them in a loving and “scientific” way. For this discussion, we selected reports from *Pais & Filhos* magazine, mainly those from the ‘Pais’ column, published along 2009. As a methodological strategy, we used the discourse analysis. From the results of the analyses, we focused a movement that values the model of a father that is present and friendly, a partner and a participative husband. The magazine highlights male affectivity by encouraging men to have an active, loving role in looking after and raising their children.

**Key words:** Social media. Gender. Fatherhood. Motherhood.

## Referências

- ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Pensando a família no Brasil: da colônia a modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Ed. da UFRRJ, 1987. p. 115-136.
- BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Lisboa: Relógio d’Água, 2010.
- BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Org.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero : Fundação Carlos Chagas, 1994.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 84-94, maio/ago. 2002.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Ed. de UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: cursos do Colégio de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: \_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política: ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense: 2004.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. *Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo na modernidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

KLEIN, Carin. *Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma 'infância melhor'*. 246 f. 2010 Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra Unbehau; MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

MEYER, Dagmar E. E. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? produção do corpo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 117-133, 2000.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no Século XX*. São Paulo: Olho D'Água/FAPESP, 2001.

PAIS & FILHOS. São Paulo: Manchete, n. 468-472, 2009.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANT'ANNA, Denise B. Educação física e história. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; SILVEIRA, Catharina. O pai presente: um modelo masculino em crescente evidência na mídia. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, año 15, p. 1, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. O pai presente: um modelo masculino em crescente evidência na mídia. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., Londrina, 2010. *Anais...* Londrina, PR: Anped Sul, 2010. p. 1-13.

STEINBERG, Shirley. Kinder cultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H.; AZEVEDO, José C.; SANTOS, Edmilson S. (Org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED/RS, 1997.

**Artigo submetido em 26/07/2011 e aceito para publicação em 22/01/2012**